

APRESENTAÇÃO

Os textos reunidos nesta publicação são o registro das palestras proferidas durante os *Encontros com a literatura: para não esquecer os clássicos*, evento promovido pelo Departamento de Letras da UNISC. Mais do que reafirmar o valor das grandes obras - o que, o mais das vezes, acaba criando em torno delas uma aura que as transformam em objeto intocado -, o projeto quis ressaltar a eterna emoção suscitada pelos clássicos, que é onde começa o verdadeiro encontro com a literatura. As obras clássicas não devem ser esquecidas não por uma questão de reverência ao cânone, mas porque a sua memória garante o diálogo sempre renovado com a tradição cultural. Um livro não existe isolado, a sua história é a da relação que mantém com outros livros e com os vários momentos da vida.

Não podemos definir *a priori* um conjunto de obras clássicas, pois o que há é a circulação de textos, lidos com maior ou menor cumplicidade em diferentes épocas e locais, de modo que aquilo que hoje reconhecemos como clássico pode deixar de sê-lo, ao passo que obras até então ignoradas podem emergir na condição de clássicos. Ao contrário do que parece, os clássicos não são eternos, não só porque as expectativas dos leitores mudam em relação às obras, mas também porque em si mesmo o texto é mutável.

Um clássico é uma obra que nunca é ela mesma, pois é capaz de modificar-se continuamente em contato com outras experiências, literárias e vivenciais. É o grau de abertura da linguagem em relação aos códigos significantes de cada época que garante a permanência de uma obra, que se eterniza justamente por marcar a diferença em relação a si mesma. Escapar à fixação de verdades é a condição de toda a literatura ganhar significado. Sendo assim, clássico é aquela obra que não permite ser lida em torno de uma mensagem, ou de um conteúdo, mas que induz, ao contrário, a um desgarramento do sentido. Dessa

forma, o leitor é instado a uma procura sem termo, mas é aí mesmo que reside o encanto da leitura.

Se o *prazer do texto* está no centro do trabalho de toda a literatura, restituí-lo no processo de leitura passa a ser a via fundamental de acesso ao sentido. Dessa forma, o diálogo com os clássicos é possível exatamente porque a obra escapa ao controle de nossa interpretação, produzindo o desejo de uma leitura repetidamente renovada, numa espécie de trabalho de Sísifo, que só se cumpre no *continuum* da caminhada, pois nunca vamos poder dizer que chegamos ao fim de um livro: a história continua acontecendo no interior e para além das páginas impressas.

Talvez pudéssemos dizer que um clássico é aquele livro que postula a inutilidade de ser lido, o que, evidentemente, só poderá ser aceito com o corolário de sucessivas leituras, pois só sabemos do mundo “inabarcável” dos textos a partir da (de)limitação deles mesmos. Não estamos muito longe aqui daquela famosa idéia de Mallarmé de que o mundo existe para caber dentro de um livro, e que Borges traduziu na imagem da Biblioteca de Babel. Entender o universo como um livro é dar à experiência humana o mais alto caráter estético, na medida em que propõe uma atitude de decifração diante da vida.

A leitura de uma obra clássica nos põe em contato com a própria trajetória do sentido, pois em torno dela se acumula uma variedade de discursos críticos que acaba influenciando na circulação do texto. Isso serve para mostrar primeiro que nenhuma leitura é inocente, mas já vem carregada de intenções, que podem iluminar a obra ou deturpá-la. Em segundo lugar, compreendemos que, tanto mais se fale sobre um livro, menos se terá dito, pois o próprio exercício hermenêutico provoca uma dispersão de significados. Ou seja, a interpretação, ao abrir a porta do texto, cai no abismo de infinitas passagens.

Dessa forma, os ensaios presentes nesta revista se inscrevem, antes de mais nada, como desejo de participar da aventura do significado. Não por acaso, o primeiro encontro do leitor dessas páginas será com *Dom Quixote*, obra em si mesma enciclopédica, “uma espécie de obra matriz, iniciadora do romance moderno”. No artigo seguinte, vamos

ter com Ulisses, da *Odisséia*, numa viagem de retorno à “aurora” da poesia. A leitura seguinte dá um salto de mais de vinte séculos e defronta-nos, em *Os Irmãos Karamázov*, com as “profundezas de espíritos tão gigantescos quanto ordinários”. Nosso passeio pelos clássicos continua por paisagens medievais, deparando-nos com o “imaginário amoroso” de *Tristão e Isolda* e *Divina comédia*. Por fim, acompanhamos os descaminhos de *Se um viajante numa noite de inverno*, um clássico - quem diria! - pós-moderno.

Juntar numa mesma publicação comentários de clássicos assim tão díspares - quer no tempo, no espaço, na forma, na linguagem ou na temática - antes de mais nada é uma bela demonstração de como a literatura encontra a si mesma e de como nós podemos nos encontrar com ela. A nós, leitores, resta o convite para refazer a trilha original das obras analisadas, lançando os nossos próprios dados no jogo das interpretações.

Prof.ª Dra. Rejane Pivetta de Oliveira